

**COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS**

LARISSA NUNES CALDEIRA

**CADERNO DE PROPOSIÇÕES ARTÍSTICAS SOBRE
ARTISTAS NEGRAS BRASILEIRAS:**

Opção de material de apoio a uma pedagogia decolonial

Rio de Janeiro

2022

LARISSA NUNES CALDEIRA

**CADERNO DE PROPOSIÇÕES ARTÍSTICAS SOBRE ARTISTAS NEGRAS
BRASILEIRAS:**

Opção de material de apoio a uma pedagogia decolonial

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes.

Orientadora: Profa. Dra. Camila Nagem Marques Vieira

Rio de Janeiro

2022

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

C146 Caldeira, Larissa Nunes
Caderno de proposições artísticas sobre artistas negras brasileiras:
opção de material de apoio a uma pedagogia decolonial / Larissa Nunes
Caldeira - Rio de Janeiro, 2022.

50 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de
Artes Visuais – EAD) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-
Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Camila Nagem Marques Vieira

1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Arte negra. 3. Arte negra-
Brasil. 4. Educação decolonial. I. Vieira, Camila Nagem Marques. II.
Colégio Pedro II. III Título.

CDD 700

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

LARISSA NUNES CALDEIRA

**CADERNO DE PROPOSIÇÕES ARTÍSTICAS SOBRE ARTISTAS NEGRAS
BRASILEIRAS:**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Visuais, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes.

Aprovado em 08 de agosto de 2022.

COMISSÃO EXAMINADORA

Dra. Camila Nagem Marques Vieira (Orientador)

Colégio Pedro II - EEA/PROPGPEC

Orientador

Ms. Vivian Greco Cavalcanti de Araújo

Colégio Pedro II – EEA/ PROPGPEC

Dr. Marcelino Euzebio Rodrigues

Colégio Pedro II – ESF/PROPGPEC

Rio de Janeiro

2022

Dedico este trabalho às minhas ancestrais, nomeadas nele ou não, àquelas que contribuíram com detalhes da minha formação pessoal e acadêmica, mesmo sem saber o quão distante me laçariam.

RESUMO

Este produto educacional foi pensado para apoiar aulas de Artes Visuais para alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental oferecendo uma abordagem decolonial por meio de uma visão insubmissa e feminista. Foi criado a partir de vazios percebidos em minha história pessoal e acadêmica. O maior vazio que senti foi o da ausência de artistas negras nas salas de aula, no conteúdo e nos materiais didáticos. Buscando efetivar a aplicabilidade da lei 10.639 que surge o recorte no tema, fechando o foco em artistas brasileiras que se expressam por meio de linguagens artísticas. A proposta deste trabalho é oferecer uma opção de material de apoio à preparação de aulas sobre artistas brasileiras negras nas salas de aula das escolas públicas do Rio de Janeiro. As proposições artísticas que compõem este caderno podem ser usados em sequência ou isoladamente, eles seguem a mesma estrutura com informações pessoais e profissionais das artistas e uma proposta de atividade. Todas as sugestões podem e devem ser adaptadas para utilização em outros espaços, com outros recursos ou outro público-alvo de acordo com a necessidade. A lista das artistas selecionadas precisou ser repensada diversas vezes para caber neste formato de produto educacional, muitos nomes ficaram de fora, o que torna este trabalho parte de uma busca coletiva e incansável.

Palavras-chave: pedagogia decolonial, artistas negras, artistas brasileiras, artes plásticas, plano de aula.

ABSTRACT

This educational product was designed to support Fine Arts classes for students in the Final Years of Elementary School by offering a decolonial approach through an insubmissive and feminist vision. It was created from the empty spaces perceived through my personal and academic history. The biggest vacuum I felt was the absence of black artists in the classroom, in the content, and in the didactic materials. In an attempt to solve this absence, I decided to focus on Brazilian artists who express themselves through artistic languages. The purpose of this work is to offer an option of support material for the preparation of lessons about black Brazilian artists in the classrooms for public schools in Rio de Janeiro. The lesson plans that make up this collection can be used in sequence or separately, they follow the same structure with personal and professional information about the artists and a proposed activity. All suggestions can and should be adapted for use in other spaces, with other resources or another target audience according to the need. The list of selected artists had to be reconsidered several times to fit this proposal, and many names were left out, which makes this work part of a collective and tireless search.

Keywords: decolonial education, black artists, Brazilian artists, fine arts, lesson plan.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Autodeclaração da população absoluta de raça/etnia.....	5
Gráfico 02: Percentual de mulheres e homens na população brasileira.....	6
Gráfico 03: Autodeclaração de raça/etnia das mulheres.....	6
Gráfico 04: Composição familiar.....	7

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Panmela Castro à frente de um dos seus grafites.....	25
Figura 02: Liniker em ensaio fotográfico.....	28
Figura 03: Elza Soares em ensaio fotográfico.....	31
Figura 04: Luedji Luna em ensaio fotográfico.....	37
Figura 05: Rosana Paulino diante da instalação Parede da memória.....	40

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	4
JUSTIFICATIVA.....	10
FUNDAMENTAÇÃO METODOLOGICA-TEÓRICA.....	16
CADERNO DE PROPOSIÇÕES ARTÍSTICAS.....	19
O que é?.....	19
Por que este tema é importante para mim?.....	19
Por que este tema deveria ser importante para todos?.....	20
Como funciona?.....	21
PROPOSIÇÕES.....	23
Panmela Castro.....	23
Liniker.....	27
Elza Soares.....	31
Luedji Luna.....	35
Rosana Paulino.....	39
CONCLUSÃO.....	42
REFERÊNCIAS.....	43

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho propõe-se a apresentar um material de apoio para a preparação de aulas sobre a pesquisa e produção de artistas negras brasileiras para alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental buscando uma abordagem decolonial por valorizar poéticas estabelecidas por mulheres negras na produção de Arte no Brasil. Inicialmente, pensei em buscar apenas referências nas Artes Plásticas, mas, ao longo do processo de pesquisa e produção do texto, senti a necessidade de ampliar para outras linguagens. Entretanto, as sugestões de atividades a serem realizadas são voltadas para o ensino das Artes Plásticas.

A escolha da faixa etária e, por consequência, os Anos Finais do Ensino Fundamental, se dá pela necessidade de maturidade, reflexão sobre classe, etnia, gênero e aspectos sociais que serão explorados durante a abordagem dos temas. O recorte temático tem como objetivo trazer à luz a produção artística de um grupo negligenciado no meio acadêmico e educacional, de forma a trazer para o ensino de artes, perspectivas de ensino decoloniais. Artistas contemporâneas, como Rosana Paulino e Panmela Castro, muito têm a acrescentar no repertório artístico e cultural dos nossos alunos tanto com suas obras, quanto com suas histórias de luta e resistência num campo majoritariamente branco e masculino como o das Artes Plásticas. Da mesma maneira, Liniker, Luedji Luna e Elza Soares acrescentam ao cenário musical suas formas de viver e compartilhar a experiência de ser mulher negra em contextos e realidades diversas, por vezes partindo da dor e por outras, de experiências de afeto e cotidiano, expressando e reafirmando, de forma plural, a sua humanidade.

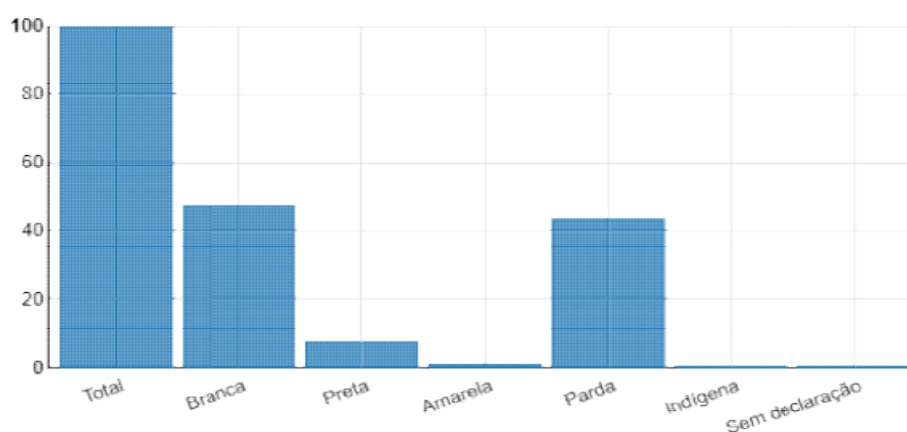
Desde os primeiros registros da vida humana no planeta aos quais temos acesso, podemos perceber que há a aplicação e desenvolvimento de criatividade. Os primeiros seres humanos da Terra desenvolveram habilidades de solução de problemas, criaram ferramentas para caça e técnicas cada vez mais aperfeiçoadas de cultivo e alimentação. Tal criatividade também se reflete no desenvolvimento de instrumentos musicais, esculturas, pinturas rupestres, danças e outros. (FERREIRA, 2008) Podemos, portanto, considerar que produzir arte e participar coletiva, individualmente das expressões artísticas e ser criativo é parte da essência do ser humano. Considero, portanto, que incorporar na prática do ensino os saberes e produções artísticas deste grupo negligenciado é colaborar com a valorização de sua história e cultura.

Este produto educacional e suas sugestões de atividades podem ser aplicados em qualquer escola de educação básica. Vale ressaltar que o caderno foi pensado para ser adaptado às diversas realidades. A lista de artistas, o público-alvo, as sugestões de atividades e

a forma de conduzir as aulas não é definitiva. Incentivo que cada professor ou equipe avalie o que é melhor para sua turma ou grupo de acordo com o contexto social, econômico e político, a fim de ampliar o impacto na abordagem dos temas.

Proponho analisar algumas informações encontradas no censo de 2010 do IBGE (IBGE, 2010). Os gráficos apresentados abaixo trazem os dados em percentual, neles podemos observar alguns aspectos da composição étnica da população brasileira:

Gráfico 01: Autodeclaração da população absoluta de raça/etnia



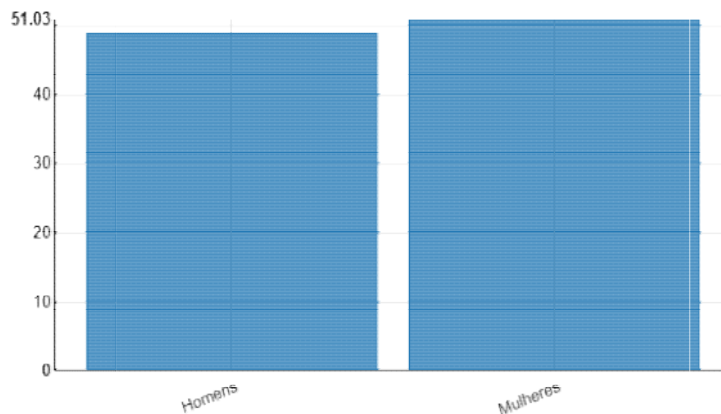
Fonte: IBGE - Censo Demográfico

Fonte:

<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/2093#n1/all/v/1000093/p/last%201/c86/all/c2/0/c1/0/c58/0/d/v1000093%202/l/v,p+c86+c2,t+c1+c58/resultado>. Acesso em 13 jun. 2022.

No gráfico 01 chamo a atenção que a maioria da população absoluta se declara preta e parda, sendo o percentual autodeclarado branco de 47,51, o de pretos 7,52 e o de pardos 43,42, se somarmos o percentual de pretos e pardos, temos o valor de 50,92%. A maioria da população, portanto, se declara negra ou parda. (IBGE, 2010)

Gráfico 02: Percentual de mulheres e homens na população brasileira



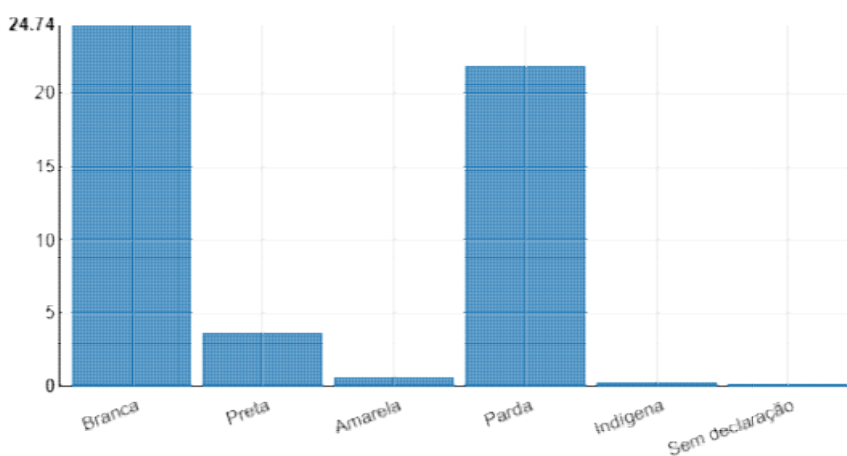
Fonte: IBGE - Censo Demográfico

Fonte:

<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/2093#n1/all/v/1000093/p/last%201/c86/0/c2/allxt/c1/0/c58/0/d/v1000093%202/l/v,p+c86+c2,t+c1+c58/resultado>. Acesso em 13 jun. 2022.

No gráfico 02 evidencio que a maior parte da população é formada por mulheres. (IBGE, 2010)

Gráfico 03: Autodeclaração de raça/etnia das mulheres



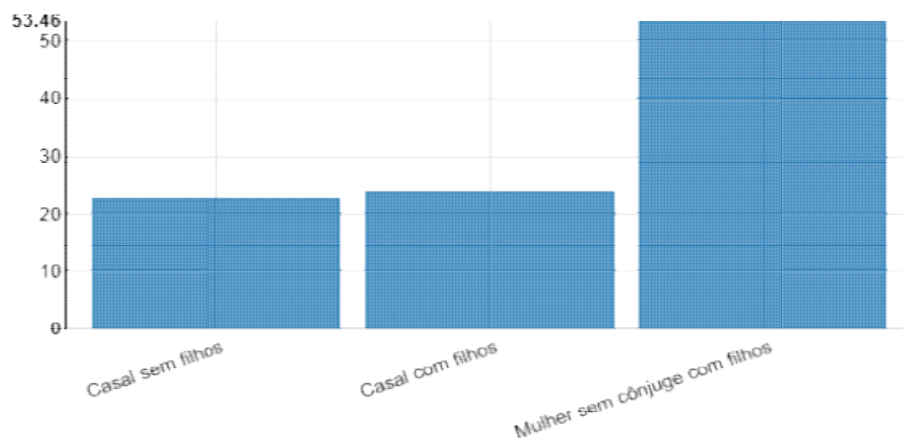
Fonte: IBGE - Censo Demográfico

Fonte:

<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/2093#n1/all/v/1000093/p/last%201/c86/all/c2/5/c1/0/c58/0/d/v1000093%202/l/v,p+c86+c2,t+c1+c58/resultado>. Acesso em 13 jun. 2022.

O gráfico 03 mostra que mais de 50% das mulheres brasileiras não se declara branca e, entre estas, a maioria é formada de autodeclaradas pretas e pardas. Vale ressaltar que a marca máxima (24,74%) é referente ao valor total de mulheres na população brasileira segundo o censo de 2010. Da mesma forma que no gráfico 01, considero os valores referentes a negros e pardos somados. (IBGE, 2010)

Gráfico 04: Composição familiar



Fonte: IBGE - Censo Demográfico

Fonte:

<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3520#n1/all/v/1001679/p/all/c12245/0/c1/0/c178/allxt/d/v1001679%202/l/v,p+c12245+c1,t+c178/resultado>. Acesso em 13 jun. 2022.

No último, o gráfico 04, podemos analisar que a composição familiar predominante no Brasil é a famílias chefiadas por mulheres, sem cônjuge e com filhos. (IBGE, 2010) Após observar estas informações em conjunto, pondero que uma parte considerável das famílias brasileiras é chefiada por uma ou mais mulheres negras que são responsáveis por seu sustento e organização. É importante ressaltar que esta parcela da população é marcada pela história de apagamento e repressão que a escravidão causou e que as suas consequências se estendem até os dias de hoje. A cultura, religião e a arte produzida pela população negra foram reprimidas institucionalmente e ainda sofrem perseguição por consequência do racismo estrutural presente na nossa sociedade.

O cenário descrito dificulta o reconhecimento e o fortalecimento da identidade desses grupos. Os teóricos que embasam nossas práticas, os filósofos que conhecemos, os artistas que estudamos e valorizamos são exemplos de listas majoritariamente masculinas e brancas. Como professores, trazemos para a nossa sala de aula a admiração e o incentivo à valorização de expressões artísticas distantes da realidade dos nossos alunos. A memória é importante para a criação do senso de coletividade, ela faz parte das vivências sociais. A memória de um povo leva à percepção de pertencimento e tudo o que faz parte da cultura de um povo forma o seu Patrimônio Cultural. Os Patrimônios Culturais não podem ser integralmente conservados, mas devem ser apropriados, ressignificados, recriados e absorvidos pra que façam sentido. (BONJARDIM; VARGAS; ALMEIDA, 2009)

Além disso, identidade é a herança cultural de uma sociedade. Essa herança, que está na memória e na cultura, são os Patrimônios Culturais. Então, tudo que remete um povo/sociedade ao sentimento de pertencimento, advindo da herança/memória, constitui o patrimônio cultural desse povo/sociedade.

Alguns são reconhecidos, preservados, tombados, mantidos, registrados, outros são transformados, destruídos, descaracterizados, abandonados. (SIC) A transformação faz parte da história e também constitui patrimônio, pois o patrimônio não se “perde”, ele é reeleito, ressignificado e reabsorvido pela sociedade. Nenhuma sociedade pode se vangloriar de possuir integralmente preservado o seu Patrimônio Cultural, que realmente seja representação correta de toda sua diversidade cultural. É a própria dinâmica da sociedade, da cultura que fazem com que novos elementos estejam permanentemente sendo incorporados ao patrimônio cultural. Vale ressaltar, que o Patrimônio não é somente manifestação cultural passada de geração a geração, o novo também constitui patrimônio, desde que apropriado. (BONJARDIM; VARGAS; ALMEIDA, 2009, p. 8)

Sobre isso, Pammela Castro, a primeira artista que integra este caderno de proposições artísticas, diz que “A preservação da memória cultural é imprescindível. Sem ela, o indivíduo não tem identidade. É uma vitória contra a intolerância, o preconceito, a exclusão, a ignorância e a opressão.” (CASTRO, 2013, p. 34) Meu maior desejo com este trabalho, portanto, é criar e preservar memórias. Acredito que trazer artistas negras ao conhecimento dos alunos (principalmente, mas não exclusivamente, da rede pública de ensino) seja uma forma de preservar as obras criadas e as reflexões realizadas ao longo de suas vidas, dando um novo ponto de partida para as próximas gerações começarem suas próprias reflexões e promoverem as modificações que a nossa sociedade necessita para a inserção desse grupo (feminino e negro) na lista de autoras importantes para a formação de um pensamento crítico e ativo através das Artes Visuais.

Ferreira (2008) ressalta a importância da contextualização dos conteúdos pedagógicos, diz que a prática tira o aluno de uma posição passiva e traz à tona dimensões da vida pessoal e social, o que faz com que competências já adquiridas pelo aluno sejam evocadas. Quando escolhi o tema, pensei (pela minha própria experiência) que reconhecer a importância do trabalho de artistas negras evidenciaria a capacidade de grupos tangenciados pelo racismo e misoginia de criar arte, trazendo de volta mais um aspecto da sua humanidade e dialogando com seu cotidiano. Com isso, ressalto que “trazer situações significativas para a vida do aluno é contextualizar.” (FERREIRA, 2008, p. 10)

Acredito que, ao incluir artistas que se aproximem da realidade dos alunos, em narrativa, vivência e estética, fará cada vez mais que os discentes se identifiquem com as autoras e se reconheçam como produtores e apreciadores de cultura e Arte. O desenvolvimento e preservação dessa identidade coletiva devem ser preocupação do professor e da equipe pedagógica a fim de dar sentido ao conteúdo abordado. A hipótese que se apresenta inicialmente é: Como incluir essas artistas nas aulas de Artes Visuais? Como primeira tentativa para responder a essa questão, criei proposições artísticas para serem

utilizados separados ou em sequência de acordo com a escolha do docente ou equipe pedagógica envolvida na educação de adolescentes, mas que pode ser adaptado para uso na educação infantil e de adultos, conforme necessidade do público-alvo.

JUSTIFICATIVA

Para entender a minha motivação para a execução deste trabalho, é necessário conhecer um pouco da minha história de vida e da minha formação familiar: Nasci numa família pobre do subúrbio do Rio de Janeiro. Minha mãe, uma das muitas mulheres negras que compõem a periferia da cidade, cresceu no morro do Engenho da Rainha, onde foi educada, em meio a mais de uma dezena de irmãos, a estudar apenas o Ensino Fundamental e buscar posição no mercado de trabalho para colaborar com o orçamento da casa até que se casasse e se tornasse a provedora secundária da sua própria família nuclear. Insistindo numa busca sem incentivo social, minha mãe se formou no Ensino Médio, mas avançar além desse marco, na sua realidade, era da ordem do milagre, então ela interrompeu os estudos, mesmo tendo o desejo de avançar. Minha avó, sua mãe, se converteu ao cristianismo evangélico vinda de uma religião de matriz africana, muito antes de eu nascer. O assunto se tornou um tabu dentro da família e poucos membros falam a respeito, sendo que eles mesmos não têm muitas informações sobre o período. A lembrança que ficou foi a precariedade da vida de uma família de muitos membros na favela da periferia de uma cidade grande. Minha avó conseguiu influenciar a maior parte dos filhos e netos que hoje professam a fé cristã em suas diversas manifestações.

Minha mãe se casou cedo na igreja católica que frequentava e decidiu ser batizada. Meu pai era um homem mestiço que sempre se considerou branco por ter a pele mais clara que a dos seus colegas de bairro, mas, principalmente, se via superior à minha mãe, indiscutivelmente negra. Minha avó paterna, uma mulher de pele clara, casou-se com um homem negro mestiço e gerou muitos filhos, alguns de pele clara e outros de pele mais escura, mas todos tiveram uma educação católica. Da união dessas duas realidades, eu, assim como meu pai, era o primeiro fruto, nós dois éramos os filhos mais velhos. Em março do ano de 1987, eu nasci. Meu nascimento alimentou a esperança da minha mãe de ter uma família nos moldes que ela foi ensinada. Por outro lado, meu pai aprendera com o seu progenitor que ser homem era ter muitas mulheres e passar temporadas fora de casa deixando a família a cargo da esposa, que deveria se ocupar do próprio emprego, dos afazeres domésticos e dos filhos. Meu pai, depois de casado, contava com o apoio da minha mãe para avançar academicamente, pois ela entendia que o sucesso dele significava a superação da nossa realidade econômica como família. Ele teve a oportunidade de fazer faculdade, se matriculou, mas não frequentou as aulas. Enfrentava o alcoolismo, mas ainda não o entendia como uma doença, por isso passou o primeiro semestre inteiro frequentando o bar em frente à faculdade, a ponto de

perder a vaga que havia conquistado. Com a ajuda da bebida, meu pai expunha sua violência em todos os momentos que estava dentro de casa, na presença das mulheres que entendia como suas propriedades. Minha mãe nunca aceitou ser agredida fisicamente e não permitia que as duas filhas também fossem, por outro lado, suportava as agressões verbais e morais, pois entendia que as filhas precisavam de um pai e por não encontrar acolhimento na casa da sua mãe na vez que tentou se separar quando eu era criança. Ela acabou por seguir a religião da minha avó e se converteu ao cristianismo evangélico quando eu tinha três anos, seguindo as orientações dos líderes espirituais e da sua família, minha mãe permanece em casa, se mantendo num casamento fracassado por longos anos. Frustrada com essa realidade, minha mãe depositou nas filhas (eu e minha irmã nascida cinco anos e dois dias depois) as expectativas de realização de vida.

Este não é um cenário extraordinário dentro da realidade das famílias na mesma condição que a minha. Extraordinário era que a minha mãe, formada apenas no Ensino Médio, dentro de um contexto de repressão e silenciamento, sufocava sua aptidão inegável para as Artes Plásticas. Aliás, lembrança viva da minha infância, são os momentos de apreciação das Artes com a minha mãe, fossem eles através da pintura, música ou teatro. Memórias que procuro reverberar no convívio com a minha filha. Ao longo da minha adolescência, buscando amenizar as mazelas de uma vida pobre, depois de ser demitida do emprego de datilógrafa que rendia um bom salário e alguma segurança, chegou a confeccionar enfeites e painéis de festa, nos quais ela pintava os temas e desenvolvia os próprios produtos que eram reconhecidos pela qualidade na execução e planejamento. Minha mãe não só me apresentou o desenho, a pintura e muitas outras técnicas de artesanato, mas também me apresentou a responsabilidade para com o produto artístico. Uma das minhas memórias mais antigas é a de um desenho que fiz na parede do corredor do apartamento onde morávamos com giz de cera cor de vinho. Quando percebeu o que eu tinha feito, minha mãe não brigou comigo, como seria o esperado. Observando minha satisfação com o que acabara de criar e cansada de lidar com tamanha sobrecarga, minha mãe me disse apenas: “Filha, você fez o desenho, tudo bem, mas agora precisa apagar.” E me entregou uma esponja e um balde com água e detergente neutro que eu usei para tentar tirar as marcas da parede. Não consegui remover completamente. Quando meus pais venderam o apartamento, as paredes ainda tinham aquele adorno em tom mais claro que o original. Lembro-me também de pegar uma das pinturas da minha mãe (em preto e branco) e pedir para colorir. Ela reagiu de forma apaixonada dessa vez, pulando para tirar o papel da minha mão enquanto respondia negativamente. Os traços fortes ainda estão na minha memória apesar de eu nunca mais ter visto aquele papel. Anos depois

minha mãe decidiu se separar e meu pai faleceu com pouco mais de 40 anos por complicações de saúde em decorrência dos vícios que acumulou ao longo da vida. Hoje, aposentada, minha mãe faz bonecas de pano e exhibe com satisfação as peças exclusivas que cria sentada à frente de sua máquina de costura.

Minha formação escolar básica foi, em sua maioria, numa pequena escola particular do bairro que morávamos, onde a maior parte dos meus primos por parte de pai também estudou. Na época, professores formados em Artes não eram exigidos para a matéria e não eram fáceis de serem encontrados, além de não ser um conteúdo valorizado, então, proporcional à minha alegria em ver “Educação Artística” escrito na lista de disciplinas na mudança para o antigo ginásio, foi minha frustração quando descobri, na primeira aula, que o assunto seria, exclusivamente, desenho geométrico, como uma extensão às aulas de Matemática. Naquele momento eu criei uma barreira entre mim e as aulas de ciências exatas, que gera desafios até hoje. Antes de ir para a antiga oitava série, nós nos mudamos pra um bairro vizinho, ainda no subúrbio e a realidade financeira obrigou minha mãe a nos matricular na escola pública. Então, no último ano do Ensino Fundamental, foi quando eu pude, finalmente, conhecer as Artes Plásticas. Não me lembro de ter conhecido nenhum artista pois as aulas na escola municipal que estudei naquele ano tinham conceitos básicos de simetria, criação de logo marcas e outras coisas simples que me permitiam extravasar minha pulsão artística atrofiada pelos anos de frustração com o desenho geométrico, mas também não eram suficientes para me aperfeiçoar e entender o “ser artista” como uma profissão viável.

No Ensino Médio, numa escola estadual, a professora de Artes fazia um esforço enorme para apresentar artistas plásticos, conceitos teóricos e práticos num ambiente sem estrutura, com uma turma de mais de 40 adolescentes que não consideravam aquela uma matéria importante. Eu amava, apesar de não haver uma sala de artes e as aulas serem ministradas numa antiga sala de educação infantil. Naquele lugar, com a luz diurna inflexível refletindo na parede branca em frente à varanda e alunos amontoados, a professora conseguiu me perceber e não aceitava minhas notas (exageradamente exigentes) nas autoavaliações, leu minhas poesias e tentou me incluir num sarau. Eu, criada dentro de casa, sem muita liberdade, educada para ser mãe de família, numa formação cristã protestante, tremi de medo ao receber a proposta e, apesar de ter adorado a ideia de ser ouvida, não consegui ir ao sarau. Eu era uma adolescente extremamente tímida, mas com um desejo pungente de conhecer mais do que a realidade e destino que me eram apresentados.

Até hoje, minha mãe faz questão de me lembrar que eu sempre quis ser professora, como quem tenta insistentemente dizer, com satisfação, que eu realizei um sonho de criança.

Eu interrompi o Ensino Médio na primeira escola e o refiz numa outra, particular e com formação técnica em Informática. Lá eu tive outra professora de Artes muito especial que aceitava meus trabalhos mesmo quando estavam um pouco fora da proposta por perceber a qualidade técnica que apresentavam. Ela admirava as minhas produções a ponto de levar alguns dos meus trabalhos para expor fora da escola. Fiz um curso de Desenho Artístico financiado pela minha madrinha (que também é minha tia – irmã do meu pai). Trabalhei na área de Informática por alguns anos e apesar de gostar bastante do assunto, não chegou a me realizar profissionalmente, mas foi importante pra garantir meu sustento durante a minha formação na graduação em Educação Artística.

Tive a oportunidade de fazer vestibular para uma faculdade privada através de uma ação social, onde consegui uma bolsa integral durante todo o curso. Minha madrinha, minha avó paterna e minha mãe fizeram tudo o que puderam para me amparar financeiramente no primeiro período. Após isso, eu voltei a trabalhar e, num dos últimos períodos, eu me casei. Quando dei a notícia de que ia me casar para minha avó paterna (costureira aposentada), ela me perguntou se eu pretendia deixar a faculdade. Apesar de eu não ser a primeira pessoa da minha família maior a ter Ensino Superior, obter um diploma de graduação era uma grande expectativa para todas as pessoas envolvidas, principalmente para as mulheres da família. Numa família pobre, a ascensão de um membro significa a realização do sonho de muitas gerações.

Ao longo da minha formação, apesar de ter muitos artistas lecionando, poucos membros do corpo docente eram mulheres, poucos eram negros e as ementas também não contemplavam número expressivo de artistas e teóricos negros e, talvez ainda em número menor, as mulheres. Assim eu entendia que o lugar estabelecido para mim nesta sociedade em relação às Artes era de expectadora, admiradora, no máximo, professora, mas não o de artista. Não conseguia nem reconhecer o potencial artístico da minha mãe, com quem eu convivi minha vida inteira. E, para completar, entre meus colegas de classe, eu era uma a única mulher negra e tinha apenas um colega negro naquela turma numa faculdade da Zona Sul (área nobre da cidade). Apesar disso, eu ainda não entendia que essa ausência gerava (ou espelhava) um vazio interior, eu nem a percebia. Vazio esse, que era aumentado pelo apagamento da história da minha avó materna, da sua vivência em religião de matriz africana, assunto do qual se fala com vergonha, como se fosse algo a ser escondido e esquecido. Eu levei muito tempo para escolher o tema do meu TCC para o curso de Licenciatura em Educação Artística. Nada ao longo do curso havia me atravessado de forma apaixonante a ponto de eu desejar falar a respeito, ainda que eu tivesse amado estudar tudo aquilo durante

quatro anos. Além disso, apesar da evidente capacidade de me comunicar e facilidade para a escrita, eu não me via capaz de produzir material acadêmico. Passei alguns semestres só incluindo a matéria do TCC e reprovando apenas por não decidir o tema e não conseguir desenvolver nada. Em algum momento eu tomei conhecimento de manifestações culturais afro-diaspóricas no Sudeste e me apaixonei pelo jongo. Eu não tinha visto nenhuma apresentação ao vivo e nem ido até o local, mas encontrei um álbum completo na Internet do Jongo da Serrinha (localizado em Madureira, periferia da cidade do Rio de Janeiro) e o ouvia repetidas vezes. Também encontrei vídeos de apresentações realizadas em palcos de teatros. Aquele vazio de representatividade e de história começava a ser preenchido com o som dos tambores e cantos. Decidi escrever a monografia a respeito do jongo, mas o cristianismo evangélico me obrigava a ver a expressão religiosa contida naquela manifestação como errada, então eu produzi uma pesquisa que buscava se esquivar da cultura de forma geral. Era uma perspectiva que me limitava, mas a necessidade de me reconhecer no papel de criadora de arte e cultura através dos meus iguais era ainda maior.

Anos depois de me formar, depois de dar à luz à minha filha, me percebi num relacionamento abusivo, me divorciei e, algum tempo depois, deixei a igreja evangélica. Fui a um quilombo em Curicica, na Zona Oeste, onde houve a formação de uma roda de jongo. Eu me lembro da sensação de familiaridade que me abraçou naquele momento e eu repetia: “Agora tudo faz sentido.” Tal familiaridade vinha do estudo realizado para o TCC da graduação e também pela forma como os toques dos tambores se relacionavam com o meu corpo de um jeito quase irresistível e hipnotizante. Desejosa de viver uma vida com mais liberdade e decidida a mergulhar num processo de autoconhecimento e retorno às minhas raízes, iniciei uma aproximação com as religiões de matriz africana, em especial o candomblé, mas levei anos para pisar a primeira vez num terreiro e retomar o caminho interrompido pela minha avó. Paralelo a isso, iniciei as pesquisas sobre artistas e negros, pois entendi que a minha maior realização profissional é atuar como professora de adolescentes da rede pública de ensino. Hoje, atuando como professora de Artes Plásticas no município de Maricá, desejo todos os dias ser uma profissional melhor para que meus alunos possam se ver no papel de artistas, pesquisadores, pensadores, filósofos, apreciadores, colecionadores e produtores de arte, mas acima de tudo, desejo que eles entendam a Arte como parte da vida cotidiana.

O desenvolvimento deste trabalho é um grande passo para alcançar a minha pretensão profissional de possibilitar que as Artes se aproximem da realidade dos alunos que, assim como eu, não se sentem representados por uma História da Arte embranquecida, masculina e eurocêntrica, e que estes passem a observar os conteúdos de forma crítica e mais socialmente

engajada, ampliando o seu olhar artístico e crítico, para então criarem repertório para suas próprias produções dentro e fora da sala de aula.

Como mulher negra, cisgênero e assumidamente não-hétero, julguei necessária a inclusão de artistas negras transgênero nesta pesquisa. Muitos nomes integraram essa lista, mas eu precisei revê-la incansavelmente e, com muito pesar, cortar, por falta de tempo e páginas, mulheres maravilhosas que fizeram e fazem história.

O objetivo principal deste produto educacional é criar uma sugestão de material a ser consultado para a inclusão de artistas negras brasileiras no currículo das aulas de Artes Visuais, sejam realizadas dentro da escola ou em projetos executados em outros espaços, aproximando assim, as expressões artísticas dos alunos. Outros objetivos são: começar a atender à necessidade de representatividade dos alunos negros e colaborar com o fortalecimento da identidade cultural dos alunos. De todos os alunos, visto que a cultura negra integra a formação da nossa identidade como país.

FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA-TEÓRICA

Considero que, ao falar de mulheres negras, o mais importante é ouvir o que elas mesmas falam sobre si, portanto valorizo o que cada artista escreve sobre o seu trabalho e a sua história. Suas vozes, muitas vezes silenciadas pela estrutura machista, LGBTQIAPN+fóbica e racista e também pelos que se interessam e se esforçam em mantê-la, aqui gritam a plenos pulmões através da sua arte e de seus registros. A experiência é muito importante para o feminismo negro, se colocando como base da reflexão e teorização de pesquisadoras negras. (FIGUEIREDO, 2020) Entendendo a necessidade de preservação da memória do povo preto e reconhecendo que ela já foi, muitas vezes, reprimida e criminalizada, eu, mulher negra, não-hétero e artista, escolhi amplificar as vozes as minhas semelhantes, trazendo à tona as histórias de vida e suas obras. Compreendo que a identidade de um povo é construída através da preservação da sua memória.

A memória contribui com a preservação do passado, pois não pode existir lembrança fora da sociedade. A memória só existe na sociedade em que o indivíduo vive, porém, a memória mesmo sendo individual, ela é coletiva, faz parte das vivências sociais. (...) Assim, a memória é formada pela cultura e permite descobrir as identidades de uma dada coletividade, de um dado grupo social, o que leva a ter a percepção de identidade, de pertencimento. (BONJARDIM; VARGAS; ALMEIDA, 2009, p. 7)

Dessa forma, este trabalho busca uma alternativa para a preservação da memória coletiva das mulheres negras que se expressam através das Artes com a finalidade de colaborar com a construção da identidade dos alunos das escolas públicas do Rio de Janeiro. Escolhi este público-alvo por estar mais próximo da realidade na qual atuo.

Nascer num corpo negro e feminino traz uma carga cultural de expectativas e de controle intensos e constantes. Desde o momento que o sexo biológico feminino é revelado num exame de ultrassonografia, a família e a sociedade definem um papel a ser executado por aquela pessoa que ainda nem veio ao mundo. Quanto maior for o número de demarcadores de gênero, raça, etnia, sexualidade, classe (e outros) que atravessarem este corpo, mais complexa se torna a existência do ser feminino. Sobre sua experiência nesse quesito, Panmela Castro (2013, p. 11) diz:

Nascer neste corpo não deveria definir quem sou. Acredito que minhas dúvidas nunca foram sobre ser mulher, mas que representações e valores este corpo físico agregaria para minha vida e como, a partir desta construção, se constituiriam as relações do meu corpo com os demais. A minha angústia é a restrita possibilidade de decidir. Embora possa contrariar e buscar uma soberania, o que me atormenta é o quanto difícil é viver diante do olhar do outro.

As artistas que foram escolhidas para integrar este trabalho têm ou tiveram consciência da potência e da necessidade de compartilhar suas impressões e expressões a respeito do seu corpo no mundo em que vivem. Mesmo nos últimos anos de sua vida, quando tinha possibilidade de parar de trabalhar e viver fora do país descansando, Elza Soares dizia que não conseguia viver longe do Brasil e chegou a lançar a música “Mulher do fim do mundo” onde pediu “Me deixem cantar até o fim.” As vozes incessantes das artistas, ecoadas no seu público é parte de um processo de luta contra a mentalidade e as práticas coloniais que permeiam a nossa sociedade até os dias de hoje.

Autores decoloniais, como Aníbal Quijano, apontam que a sociedade moderna ocidental se constitui como padrão de poder a partir de três características centrais: colonialidade do poder, eurocentrismo e capitalismo. Aspectos centrais do mundo como conhecemos e que influenciam a vida de toda a população mundial. Tem início em 1492 com a conquista da América, momento em que, para Quijano (2005), surge a concepção de raça para classificar e hierarquizar a população mundial. Trata-se da colonialidade do poder, por meio da qual a população mundial é classificada pelos critérios de raça, gênero e trabalho. (RIBEIRO; GAIA, 2021, p. 4)

A escola, como parte da sociedade que a integra, foi idealizada para reproduzir os padrões hegemônicos, valorizando a cultura europeia dominante e deixando de lado todo o conhecimento produzido por outros povos, no nosso caso, dos indígenas e negros. (RIBEIRO; GAIA, 2021) Considero que este seja um grave problema e, como parte do esforço para solucioná-lo, criei este caderno de proposições artísticas buscando a transformação da escola por meio de uma pedagogia decolonial.

Nesse sentido, uma epistemologia insubmissa feminista negra decolonial é aquela que se rebela frente às normas previamente estabelecidas, rompendo fronteiras e colocando os sujeitos que historicamente estiveram à margem no centro da produção do conhecimento, no nosso caso em especial, colocando as mulheres negras no centro da produção. Essa proposta está em perfeita consonância com outras levadas a cabo pela perspectiva teórica decolonial e epistemologias outras. Quero dizer que é em diálogo com essas teorias que a produção de mulheres negras tem se articulando e formulado algo em direção ao que definimos como uma epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. (FIGUEIREDO, 2020, p. 20)

A busca por uma escrita voltada para a produção de mulheres negras nos últimos anos se deu pela entrada desse grupo nas universidades a partir de programas de governos que utilizaram as ações afirmativas de cotas e a ampliação de vagas nas universidades públicas do país. Sabemos que o conhecimento não é gerado exclusivamente na academia, mas a pluralidade do corpo discente nesses espaços fez emergir a necessidade de contar e recontar a história das mulheres negras do Brasil, não como uma história à parte da principal, mas como

parte integrante, ampliando-a. (FIGUEIREDO, 2020) Acredito, firmemente, que acrescentar essas camadas à história da nossa sociedade desde os primeiros anos da vida escolar dos alunos encurtará o caminho a ser percorrido por eles para a compreensão de si e coletiva, aperfeiçoando o desenvolvimento de ferramentas capazes de auxiliá-los na sua atuação como cidadãos brasileiros e do mundo.

CADERNO DE PROPOSIÇÕES ARTÍSTICAS

O que é?

Este caderno de proposições artísticas é, exatamente, o que o nome diz: um caderno de proposições com um tema específico. Escolhi como tema artistas negras brasileiras, sendo assim, cada artista tem aqui informações sobre sua vida e obra para contextualização, cada plano possui, ao menos, uma imagem de obra da artista trabalhada como ponto de partida e uma sugestão de atividade. Todas as adaptações, aperfeiçoamentos e relações que puderem ser feitas entre as obras e artistas são apreciadas. Procurei não me prender a artistas plásticas, mas como minha formação é focada em Artes Plásticas e Artes Visuais, o desenvolvimento e as atividades são mais voltados para as produções com essa linguagem. Evidentemente, aplicações interdisciplinares e transdisciplinares serão muito enriquecedoras para ampliar o alcance e desenvolvimento dos temas tratados.

Por que este tema é importante para mim?

Escolhi este tema por eu mesma ser uma mulher negra, brasileira e que, ao longo do processo de formação em Educação Artística, não fui apresentada a nomes de artistas no mesmo contexto. Minha família é, majoritariamente, formada por mulheres pretas e, algumas, com habilidades manuais e sensibilidade artística aflorada (minha mãe é uma delas), então eu cresci vendo minha mãe desenhar, pintar, fazer artesanatos diversos e aprendendo com ela tudo o que era possível. Foi das mãos da minha mãe que eu recebi a primeira revista que ensinava a desenhar figuras humanas dentro da proporção de sete cabeças e meia. Muitas mulheres me apoiaram ao longo da minha vida e em diversas linguagens artísticas. As professoras de Arte das escolas que estudei sempre foram muito próximas tanto pelas pinturas e desenhos, quanto pelas poesias que escrevia desde a adolescência. Minha madrinha, que também é minha tia, me matriculou num curso de desenho artístico durante o Ensino Médio, onde eu pude conhecer técnicas que seriam aperfeiçoadas durante a graduação. Mais tarde, durante a minha formação em Ensino Superior, eu conheci uma arte muito distante, euro centrada, masculina e embranquecida, contando com poucas exceções. Em 2009, ao me deparar com os materiais didáticos nos primeiros anos de atuação em sala de aula, também não encontrava semelhantes, mesmo tendo ciência que existia uma vasta produção artística

protagonizada por pessoas com o meu perfil. Atuando em escolas particulares e pequenas, trabalhando apenas com base no material didático e conteúdos programáticos, percebi que a proximidade ainda não se apresentava.

Em 2018, ao iniciar meu trabalho com crianças e adolescentes de escolas públicas das periferias das cidades circunvizinhas à capital, notei a predominância de alunos negros (gêneros diversos) nas salas de aula tanto em ambiente escolar, quanto em projetos sociais. Iniciei o processo de pesquisa sobre artistas negros para inserir no conteúdo a ser trabalhado, mas logo percebi não ser o suficiente. A maioria dos artistas eram homens e ainda faltava identificação para parte dos meus alunos (que, quando não eram garotas, eram cercados e educados por pessoas do gênero feminino tanto em casa, quanto na escola). Nasceu daí: da falta de representatividade, a necessidade de preencher uma lacuna essencial para que eu me sentisse e ajudasse minhas alunas e alunos a se sentirem dignos e impulsionados a imergir no mundo das Artes.

Por que este tema deveria ser importante para todos?

A escolha do tema atende à Lei nº 11.645/08 que torna obrigatória a abordagem da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas, à BNCC, Base Nacional Comum Curricular (2018), ao PNE, Plano Nacional de Educação (2014) e à Lei nº 10.639/03. A escolha da faixa etária e, por consequência, os Anos Finais, se dá pela necessidade de maturidade, reflexão sobre classe, etnia, gênero e aspectos sociais que são exigidos durante a execução do trabalho com os alunos. O recorte temático tem como objetivo trazer à luz a produção artística de um grupo negligenciado no meio acadêmico e educacional. Artistas como Maria Auxiliadora e Rosana Paulino muito têm a acrescentar no repertório artístico e cultural dos nossos alunos tanto com suas obras, quanto com suas histórias de vida, luta e resistência num campo majoritariamente branco, europeu e masculino como o das Artes Plásticas.

Segundo dados do IBGE (2010), podemos observar a realidade brasileira, onde mais da metade da população é de mulheres e se declara negra ou parda e ainda: mais da metade das famílias é composta por uma mulher com filhos, porém, sem cônjuge. Portanto, podemos considerar que a maior parte das crianças e adolescentes do Brasil está inserida numa realidade onde a mulher negra é a principal (ou uma das principais) figura da família. Apresentar a produção artística de mulheres que se pareçam com as que lideram seus lares é tarefa importante para incentivar o interesse dos nossos alunos nas linguagens artísticas, sem

perder de vista a diversidade constante nas vivências e formas de expressão. Uma única mulher negra não fala por todas, por isso é importante ampliar o conhecimento sobre a sua produção artística de diversas mulheres, dando-lhes voz e espaço. Assim, mesmo que você, professor, não seja uma mulher negra, a probabilidade de seus alunos estarem cercados delas é muito grande. Portanto, se faz necessário combater a hegemonia determinada e normatizada nos espaços acadêmicos a começar da base, buscando formas de expressão estética, compreensão do belo e símbolos baseados em outros modelos de sociedade que não as europeias, construindo a reversão da invisibilidade e do silenciamento das mulheres negras, evidenciando o desconforto provocado pelo racismo estrutural.

Este caderno vem trazer uma opção de material de apoio a ser utilizado em sala de aula com alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental para incluir no seu repertório a arte produzida por artistas negras brasileiras. Aqui você encontrará sugestões de artistas e atividades voltadas para as Artes Plásticas, mas eu aconselho insistentemente que você, colega professor, adapte, amplie e modifique aquilo que julgar necessário de acordo com as necessidades do seu público e o utilize nas mais diversas realidades que se apresentarem no dia a dia da docência.

Como funciona?

Este caderno de proposições artísticas se propõe a ser uma sugestão de material para auxiliar na inserção de artistas brasileiras e negras nos trabalhos realizados em ambiente escolar com alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental, podendo ser adaptado para outros anos de escolaridade de acordo com a necessidade do docente e seu público-alvo. O produto foi pensado a partir da realidade das escolas públicas do Rio de Janeiro, mas a sua adequação para utilização com outras faixas etárias e/ou contextos é prevista e bem-vinda.

O caderno é organizado por proposições que podem ser usados isoladamente ou em sequência, sendo usados como complementação do tema que já está sendo abordado pela turma ou como parte de um projeto. Caso seja usado como projeto, sugiro que sua culminância não seja organizada para novembro (mês que se comemora a Consciência Negra), onde é comum que se fale de cultura afro-brasileira, mas que seja realizada em 25 de julho (Dia da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha) para que se endosse a ideia de que o assunto não pode se restringir a um mês no ano e seja reforçado o demarcador de gênero.

Minha intenção é agregar material que auxilie na preparação de aulas para crianças e adolescentes que frequentem os Anos Finais do Ensino Fundamental. Assim, escrevi para

educadores, sejam formais ou informais, em ambiente escolar ou não, dando uma introdução sobre a vida e a obra das autoras apresentadas e sugerindo atividades a serem realizadas que podem e devem ser adaptadas para cada contexto social, econômico, de perfil de turma, entre outros. Como escreveu Djamila Ribeiro em seu livro *“O que é: lugar de fala?”* A reflexão fundamental a ser feita é perceber que, quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida.” (RIBEIRO, 2017, p. 43). Para tanto, incentivo que, ao executar as proposições artísticas apresentadas, você educador, apresente aos seus alunos as vozes das próprias artistas sempre que possível, trazendo para eles as suas falas ou de suas semelhantes.

Portanto, querido colega professor, fique à vontade para utilizar o material da forma que preferir e for mais adequada à sua realidade e à dos seus alunos, adaptando conforme as necessidades que se apresentarem, inserindo ou substituindo artistas, obras e atividades conforme o perfil da turma.

PROPOSIÇÕES

A seleção das artistas foi realizada com base na sua importância social e artística, mas também pela identificação pessoal com cada uma delas. A lista contém artistas que atuam com linguagens diferentes, transgênero e cisgênero, vivas e já falecidas, de diferentes orientações sexuais e partes do país. Não é uma seleção justa, muito menos definitiva. Muitas mulheres importantes ficaram de fora, mas não seria possível colocar todas.

Cada plano é independente, mas pode ser usado em sequência, na ordem escolhida pelo docente de acordo com a necessidade do seu público. Começaremos com Panmela Castro, artista contemporânea e que tem na sua história de vida pessoal, no seu trabalho social e na sua arte a violência doméstica e o “processo de cura”, termo que a própria Panmela usa para definir o modo como lida com a memória do trauma que a violência causou.

Panmela Castro

Vida e obra

Panmela Castro, carioca, nascida no bairro da Penha, subúrbio do Rio de Janeiro, teve uma criação muito restrita. Panmela conta que sua mãe não permitia que ela saísse muito e que, quando passou para a faculdade, foi levada até a UFRJ por ela para a sua primeira aula na Escola de Belas Artes. A partir daquele dia passou a ser considerada adulta pela genitora, então Panmela teve autonomia. Era boa aluna, trabalhava e ao mesmo tempo mergulhava na subcultura da cidade pichando muros, frequentando bailes funk, surfando em ônibus (prática comum entre jovens da periferia na época), correndo da polícia e convivendo com a violência que a rua proporciona. Conta a artista que muitos dos seus amigos da época são falecidos e que a sua sobrevivência se deu principalmente pelo fato de ser um corpo feminino num espaço masculino. Dez anos após ser considerada uma jovem marginal e problemática, Panmela ganhou um prêmio internacional de direitos humanos, o recebeu das mãos da Hillary Clinton e questiona: “Imagina se tivessem me matado.” (CASTRO, 2021) Panmela conta que sempre teve facilidade de estar entre homens, apesar de receber tratamento diferenciado pelo fato de ser mulher. Depois de alguns anos na pichação, Panmela começou a grafitar e, aproveitou essa facilidade em estar nos meios masculinos para trazer consigo outras mulheres. Em 2010 fundou a Rede Nami que usa para conscientizar mulheres periféricas (preferencialmente negras) sobre violência doméstica e oferecer oficinas de grafite. A artista contou sua história diversas vezes e uma delas foi num TEDx sobre violência doméstica no

qual explicou que, na ocasião da violência que sofreu do primeiro marido, não existia a Lei Maria da Penha. Na época, ela foi espancada durante horas com o rádio ligado no volume máximo para abafar os gritos e deixada em cárcere privado por uma semana. Num dado momento, conseguiu contato com a sua irmã, que notificou sua mãe, que a resgatou. A mãe a orientou a não ter vergonha do que tinha acontecido, fez com que ela ligasse para os empregadores, contasse o ocorrido e a levou à delegacia para prestar queixa. Como na época a lei tipificava o crime de violência doméstica como de baixo potencial ofensivo, nada aconteceu com o seu ex-companheiro. Panmela ficou meses sem conseguir sair de casa, sendo levada pelo pai para o trabalho, pois era perseguida pelo ex-marido. A artista conta que se sentia segura saindo para grafitar em grupos de meninas. Ela fala que contar o que aconteceu faz parte do seu “processo de cura”, processo que ela procura reproduzir nas oficinas que promove pela Rede Nami. A artista conta que em algumas palestras da rede para as jovens da periferia foi percebendo que o padrão do relacionamento abusivo ainda se mantinha no relacionamento que estava vivendo na época com outro grafiteiro. Foi durante a troca com outras mulheres que Panmela Castro percebeu que o cuidado que as pessoas viam do seu namorado com ela era, na verdade, controle. Após terminar o relacionamento, sua carreira deslanchou. Dez anos depois, a artista precisou voltar à delegacia para fazer um novo registro de ocorrência por violência doméstica pois esse ex-namorado cobriu um grafite seu. Panmela conta que não foi fácil levar à compreensão das autoridades que aquela era uma violência patrimonial contra o seu trabalho (tipificada na Lei Maria da Penha), mas ela conseguiu uma medida protetiva, que leva consigo para garantir a sua segurança e preservação do seu patrimônio intelectual. Seu trabalho atualmente é desenvolvido juntamente com sua mãe e sua irmã. Juntas, elas produzem obras das mais diversas linguagens artísticas sempre utilizando as questões de gênero como tema. Sobre a sua atuação, a artista fala: “nenhuma mulher merece sofrer violência doméstica e é isso que eu quero passar com o meu trabalho”. (CASTRO, 2021) Ao longo de sua carreira, Panmela vem recebendo diversas premiações, entre elas: Grafiteiro do ano em 2007 e Grafiteiro da Década em 2010 pela CUFA (Central Única das Favelas).

Figura 01: Pannela Castro à frente de um dos seus grafites



Fonte: <http://memorialdademocracia.com.br/card/a-arte-engajada-de-anarkia-boladona>. Acesso em: 16 jan. 2022.

Objetivo geral

Compreender a dinâmica de poder relacionada a gênero na Arte e na sociedade;

Objetivos específicos

Reconhecer a Arte como expressão basilar do ser humano;

Relacionar expressões artísticas remotas e contemporâneas.

Habilidades da BNCC aplicadas no plano

(EF69AR01) Pesquisar, apreciar e analisar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, em obras de artistas brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas e em diferentes matrizes estéticas e culturais, de modo a ampliar a experiência com diferentes contextos e práticas artístico-visuais e cultivar a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético. (BRASIL, 2018, p. 207)

(EF69AR02) Pesquisar e analisar diferentes estilos visuais, contextualizando-os no tempo e no espaço. (BRASIL, 2018, p. 207)

(EF69AR06) Desenvolver processos de criação em artes visuais, com base em temas ou interesses artísticos, de modo individual, coletivo e colaborativo, fazendo uso de materiais, instrumentos e recursos convencionais, alternativos e digitais. (BRASIL, 2018, p. 207)

Recursos

Folhas de papel pardo, borra de café, paprica, aafrao, cola branca, recipientes para misturar a cola com os pigmentos naturais, fita crepe e gua.

Possíveis adaptações: Sem correr o risco de perder a ligação com o tema,  possível adaptar os materiais para tapume, as paredes ou os muros da escola, cartolina, papel quarenta quilos ou folhas de papel sulfite coladas entre si pelas bordas formando uma superfície maior para a pintura. Os pigmentos naturais e a cola podem ser substituídos por tinta guache e a fita crepe por outra que fixe a superfície a ser pintada na parede. Também  possível aplicar spray  base d'água em tapumes de madeira, parede ou outro suporte vertical.

Atividade

O trabalho de Panmela Castro é muito plural e permite diversos tipos de abordagem com as mais variadas faixas etárias. A atividade proposta é apenas uma das possibilidades e envolve a relação básica que muitas vezes é criada entre grafite e arte rupestre. A importância do tema da violência de gênero faz com que seja urgente lidar com o assunto conscientizando o quanto antes as alunas e alunos sobre a questão. Portanto, sugere-se que os dois temas sejam apresentados e seja feita a relação entre eles. Após isso, fornecido aos alunos o papel pardo para que eles amassem sem rasgar. Depois de amassar e desamassar o papel, ele deverá ser fixado na parede com fita crepe. Os alunos deverão ser orientados a separar os recipientes e fazer as tintas com pigmentos naturais. Preparado o material, os alunos deverão ter em mente que, assim como na arte rupestre, Panmela trouxe para a sua arte situações do cotidiano. Dessa forma, os alunos também deverão trazer para a pintura algum assunto do dia a dia reproduzindo ou recriando. A superfície irregular remete tanto às paredes naturais rochosas da arte rupestre quanto às paredes chapiscadas e irregulares encontradas pelos artistas contemporâneos nas paredes da cidade.

Liniker

Vida e obra

Liniker de Barros Ferreira Campos começou a ser conhecida na cena musical brasileira quando, em outubro de 2015, lançou a música “Zero” na plataforma de vídeos online chamada Youtube. No vídeo lançado, a cantora aparece acompanhada da banda que seguiu o momento inicial de sua carreira, apresentando-se assim, como Liniker e os Caramelows. Em uma semana, o vídeo já havia alcançado um milhão de visualizações. Nas primeiras apresentações, assim como nas entrevistas que participava, Liniker se identificava como um homem andrógino, contrastando elementos da identidade de gênero masculina com elementos da identidade feminina. Assim, a barba e o bigode contrastavam com batom, saias e vestidos. Posteriormente, Liniker passou a se identificar como uma mulher trans e abandonou os elementos tidos como masculinos em sua aparência.

Nascida em Araraquara (São Paulo) e formada na Escola Livre de Teatro (Santo André – SP), criada numa família que descreve como sendo do samba, Liniker conta que sua mãe permitia que ela crescesse com liberdade, admitindo que ela dançasse e fosse quem quisesse ser mesmo diante da desaprovação de outras pessoas. Conta ainda sobre a primeira vez que cantou num palco, que havia um teste de elenco para um musical e que estavam sendo selecionados atores que cantavam, então disse a si mesma: “Gente, eu não canto, mas sou cara de pau. Eu posso tentar.” (LINIKER, 2018) A artista diz que sempre teve consciência do racismo “Minha mãe nunca me deixou esquecer que eu era preta.” (LINIKER, 2018) e, ao relatar o primeiro ato de racismo sofrido, o descreve no contexto da creche. A consciência da sua realidade e a liberdade pra sentir e se construir transparecem no trabalho de Liniker que escreve e canta sobre o amor. A artista diz que suas músicas, em sua maioria, são cartas que não foram entregues. “Ao cantar suas cartas nunca enviadas, a artista confronta um duplo silenciamento que estava inscrito em sua existência: da homossexualidade e da condição negra.” (ROCHA; NEVES, 2018, p. 3) Os autores trazem o termo “homossexualidade” pois partem do entendimento inicial da cantora a respeito de seu gênero e sexualidade, porém posteriormente, a artista se reconheceu como uma mulher transgênero. Liniker então, consegue, através das suas músicas, projetar sua voz e entregar os recados que nunca foram enviados, mas que seguem sendo ouvidos. A forma como a artista descreve sua obra fica ainda mais evidente quando nos deparamos com uma de suas músicas intitulada como “Sem nome, mas com endereço”. A letra é uma declaração de amor e entrega, ficando a cargo do seu título transparecer que o destinatário não foi diretamente notificado, mas provavelmente soube da

existência da carta.

Liniker não se limita a falar de uma forma apenas de amor. No seu álbum “Indigo Borboleta Anil”, lançado em setembro de 2021, encontramos a faixa “Clau”, escrita para a sua cachorra. Na série “Manhãs de Setembro”, produzida e disponibilizada pela Amazon Prime, onde interpreta a personagem principal, Liniker dá vida a uma mulher transgênero que descobre um filho adolescente e sedento de afeto. Cassandra, personagem de Liniker, ao longo da primeira temporada ressignifica a relação com a sua mãe (já falecida) para começar a elaborar uma relação com o menino. Sobre a relação de afeto com o público, a artista diz: "Então, poder ver que eu construo as pessoas, e que junto com elas eu também me construo é o maior movimento de tudo que tem acontecido." (Liniker, 2018) Com seu trabalho, Liniker nos mostra a expressão de um corpo negro, transgênero e feminino que se nega a calar sobre os sentimentos que lhe atravessam, fazendo sua voz ser ouvida e acompanhada por diversas outras.

Figura 02: Liniker em ensaio fotográfico



Fonte: <https://twitter.com/Liniker/status/1502832567111720964/photo/1>. Acesso em: 29 jun. 2022.

Objetivo Geral

Explorar recursos audiovisuais para criação de vídeos.

Objetivos específicos

Relacionar linguagens artísticas diferentes;

Entender o uso da criatividade através do afeto;

Compreender a relação do contexto de vida da artista com a sua obra.

Habilidades da BNCC aplicadas no plano

(EF69AR05) Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.). (BRASIL, 2018, p. 207)

(EF69AR06) Desenvolver processos de criação em artes visuais, com base em temas ou interesses artísticos, de modo individual, coletivo e colaborativo, fazendo uso de materiais, instrumentos e recursos convencionais, alternativos e digitais. (BRASIL, 2018, p. 207)

(EF69AR07) Dialogar com princípios conceituais, proposições temáticas, repertórios imagéticos e processos de criação nas suas produções visuais. (BRASIL, 2018, p. 207)

(EF69AR31) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética. (BRASIL, 2018, p. 211)

(EF69AR32) Analisar e explorar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas. (BRASIL, 2018, p. 211)

(EF69AR33) Analisar aspectos históricos, sociais e políticos da produção artística. (BRASIL, 2018, p. 211)

Recursos

Computador com projetor, lousa digital ou outro recurso audiovisual que viabilize a apresentação de vídeos para os alunos, celulares com câmera, o aplicativo CapCut instalado e acesso à Internet.

Atividade

Os alunos deverão ser apresentados ao conceito de vídeos no formato *visualiser*. Neste formato, os cliques são produzidos com cenas não roteirizadas, com baixo custo e podem ser apresentados em *looping* (repetindo cenas curtas) ou não. Como exemplo, pode ser apresentado o clipe da música *Clau*, da cantora Liniker, disponível no Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=QNIvgnqA0I0>). Existem diversos aplicativos e programas que oferecem o recurso de edição de vídeo, aqui indico o CapCut, por ter uma

interface amigável, simples, recursos variados, por já ser amplamente usado em edições de vídeos para as redes sociais e por ser gratuito. Os alunos deverão se dividir em pequenos grupos (formados por, no máximo, 3 pessoas), cada grupo deverá escolher uma música da cantora e criar um videoclipe no formato *visualiser* (usando a câmera do celular, formado por pequenas cenas que eles mesmos devem produzir - não é necessário que as imagens deles apareçam nas imagens). O aplicativo apresenta diversos recursos de transição de cenas, efeitos visuais e sonoros. O esperado é que os alunos explorem diversos recursos e escolham os que identificarem como mais adequados de acordo com o resultado que esperarem. Ao final, os trabalhos deverão ser apresentados para a comunidade escolar, mas também é possível criar uma conta da turma ou escola em rede social que permita expor virtualmente os trabalhos, a conta poderá ser usada para expor outros trabalhos da turma ao longo do ano letivo. Para que a atividade seja feita de forma satisfatória, é esperado que os alunos levem mais que o tempo de uma aula para captarem as imagens e editarem os vídeos, mas o começo do trabalho poderá ser feito na escola. Durante a aula, os alunos podem ser levados a diversos espaços, onde deverão observar, capturar imagens e identificar se encaixam na narrativa que escolheram. Por exemplo, ao passear pela escola, poderão encontrar uma árvore que desejem registrar, o movimento das pessoas na rua vistas do pátio, ou o dos próprios alunos durante um intervalo. Essas são cenas curtas que podem ser captadas e editadas, formando o clipe que produzirão como resultado da proposta.

Elza Soares

Vida e obra

Elza era carioca, nascida na favela que hoje é conhecida como Vila Vintém, foi obrigada a se casar com 12 anos e foi mãe aos 13. Seu marido adoeceu e morreu quando ela tinha 21 anos. Ao longo de sua vida, Elza perdeu muitas pessoas próximas, a começar pelos seus filhos. Ela viu filhos morrerem de fome e de acidente, perdeu sua mãe num acidente influenciado pelo alcoolismo de Garrincha (jogador de futebol), seu companheiro na época. Ao longo de sua trajetória de vida, Elza sofreu muitos ataques verbais e físicos, como quando sua casa foi alvejada por ovos e, em outro momento, por tiros, durante a ditadura militar. O casal, então, decidiu sair do país e fixar residência na Itália, retornando após alguns anos.

Ainda na realidade pobre do início da vida, Elza procura o programa de calouros de Ary Barroso, em 1953, pois seu terceiro filho, Carlinhos, que estava doente. Outros dois filhos da cantora (de talento ainda não descoberto) já haviam morrido de fome. A aparência de Elza chamava atenção pela roupa que havia pegado emprestada com a mãe, que pesava quase o dobro do que Elza pesava, a cantora conta que vestiu a saia e a blusa, mas para que as peças ficassem apresentáveis em seu corpo, precisou apertar com alfinetes. “Onde sobrava pano, eu botava alfinetes.” (SOARES, 2017) Ary Barroso perguntou à menina magra de que planeta ela vinha, Elza respondeu com uma de suas frases mais emblemáticas: “Planeta fome.” (SOARES, 2017) Ao final da apresentação, Elza foi aplaudida pela plateia e teve o impacto causado reconhecido até pelo apresentador do programa. A carreira da cantora começava com o ritmo que era predominante na época, o sambalço, mas ela admitia que não conseguia ficar parada. Ela sofria pressão da gravadora para cantar apenas samba, mas sentia necessidade de interpretar outros ritmos. Dando crédito à necessidade de mudança, Elza rompeu com a gravadora.

Elza morreu reconhecendo o amor que ainda sentia pelo seu último companheiro, Garrincha, que chegou a agredi-la muitas vezes antes de morrer de cirrose hepática, por consequência do alcoolismo. A relação dos dois foi complicada desde o início, pois Garrincha era casado quando começou a se relacionar com Elza, em 1962. Após a Copa do Mundo que Garrincha participou, ele deixou a primeira família para assumir o relacionamento com Elza. O casal foi alvo de muitas críticas, mas as mais pesadas eram direcionadas à cantora. Elza Soares conta que durante a ditadura sua casa foi alvo de tiros e o casal recebeu um bilhete por baixo da porta dizendo eles tinham 24 horas para abandonar a casa. Garrincha e a companheira arrumaram as malas e partiram para a Itália, onde Caetano Veloso (cantor e

amigo de Elza) já se encontrava exilado. Ela morreu dia 20 de janeiro de 2022, no mesmo dia de Mané Garrincha (como era conhecido), porém 39 anos depois. Sua morte foi tranquila, por causas naturais, aliviando Elza do seu maior medo: ter uma morte sofrida. (SARMENTO, 2022)

A carreira de Elza sofreu com altos e baixos e ela chegou a pensar em deixar de cantar. Dona de uma voz potente, nos anos últimos anos que viveu, teve seu talento reconhecido internacionalmente, colheu os louros de seu trabalho árduo e talento inegável e, entre outros tipos de reconhecimento, foi homenageada pela rádio britânica BBC e consagrada como a melhor cantora do milênio no início dos anos 2000. Elza, cantando sobre as mazelas da vida, sofre a força e a potência da mulher, racismo e outros tantos temas, lançou 35 álbuns, sendo o último em 2019, antes da sua morte, intitulado de “Planeta fome”. Nas últimas aparições, Elza estava sempre sentada por consequência de um acidente sofrido no palco em 1999, onde lesionou a coluna vertebral. Mesmo sem poder se movimentar nos palcos, Elza tinha uma presença intensa, conquistando o público jovem que renovava sua plateia cantando dos sucessos mais antigos às músicas mais recentes.

Num dos seus últimos álbuns, Elza se definiu como a “Mulher do fim do mundo” e declarou que cantaria até o fim. A cantora trabalhou até o final da vida preferindo falar muito mais do seu presente do que do seu passado. Elza Soares ultrapassou a sua meta, pois com tantos sucessos gravados, segue cantando e impactando diversas gerações com suas reflexões e energia de renovação até mesmo depois do fim da sua vida.

Figura 03: Elza Soares em ensaio fotográfico



Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/05/entenda-como-elza-soares-preparou-sua-despedida-com-show-no-theatro-municipal.shtml>. Acesso em: 29 jun. 2022.

Objetivo Geral

Refletir sobre o que desejam para o futuro e que legado pretendem deixar.

Objetivos específicos

Relacionar linguagens artísticas diferentes, partindo de uma obra na linguagem musical e produzindo na linguagem visual;

Compreender a relação do contexto de vida da artista com a sua obra.

Habilidades da BNCC aplicadas no plano

(EF69AR05) Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.). (BRASIL, 2018, p. 207)

(EF69AR06) Desenvolver processos de criação em artes visuais, com base em temas ou interesses artísticos, de modo individual, coletivo e colaborativo, fazendo uso de materiais, instrumentos e recursos convencionais, alternativos e digitais. (BRASIL, 2018, p. 207)

(EF69AR07) Dialogar com princípios conceituais, proposições temáticas, repertórios imagéticos e processos de criação nas suas produções visuais. (BRASIL, 2018, p. 207)

(EF69AR31) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética. (BRASIL, 2018, p. 211)

(EF69AR32) Analisar e explorar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas. (BRASIL, 2018, p. 211)

(EF69AR33) Analisar aspectos históricos, sociais e políticos da produção artística. (BRASIL, 2018, p. 211)

Recursos

A proposta envolve interferência em fotografia, para tanto, é necessário imprimir fotografias dos alunos em preto e branco em papel A4 (sugiro deixar margens de 3cm, aproximadamente), disponibilizar tinta guache, pincéis, água, recipientes para mistura de cores, canetas hidrográficas, lápis de cor, revistas, tesouras e cola.

Possíveis adaptações: Os materiais e linguagens para a apresentação do trabalho podem ser modificados de acordo com a disponibilidade, tempo e adequação ao grupo.

Atividade

A atividade começa com uma reflexão: “O que você ama tanto fazer, que faria até o fim da sua vida?” A obra usada como base para esta atividade é “Mulher do fim do mundo”, de um dos últimos álbuns de Elza. Inicialmente, o professor deve providenciar fotografias dos alunos (podem ser tiradas em sala ou solicitado que sejam enviadas pela família), nestas fotografias, os alunos deverão estar sozinhos e elas devem ser impressas em preto e branco, em papel A4. Sugiro que a letra seja disponibilizada para os alunos, mas também o vídeo ou

áudio onde a cantora interpreta a música para que os alunos conheçam a personalidade na voz da cantora. Na música, os compositores descrevem um cenário de carnaval. No final da música ouve-se as frases “Eu vou até o fim cantar” e “Me deixem cantar até o fim”. Elza escolheu a música para a sua vida assim que teve autonomia pra decidir e a manteve até o final. Apesar de não ter escrito a música, esta a descreve muito bem. Elza cantou até o fim de sua vida. Quando morreu, havia uma regravação de “Meu guri”, composta por Chico Buarque, ainda em processo de pós-produção para ser lançada, evidenciando sua dedicação e paixão pela linguagem musical. (SOARES, 2022) Após conhecer a obra da artista e refletir sobre a proposta, os alunos deverão ser incentivados a pensar em qual atividade gostariam de fazer até o fim das suas vidas e quais elementos e símbolos representam estas atividades. Os alunos devem ser incentivados a interferir, cada um na própria foto, a fim de inserir os elementos que representem a atividade que elegeram para executar até o fim. As técnicas que serão utilizadas para as interferências irão variar de acordo com o material disponibilizado para os alunos. Podendo ser desenho, pintura, colagem, entre outras opções. Como exemplo para esta proposta, a fotografia de Elza seria ambientada num palco, com microfone e acompanhada de músicos, pois a atividade que ela escolheu foi cantar.

Possíveis adaptações: A apresentação da atividade pode ser alterada para outras linguagens artísticas, como performance, por exemplo. Nesse caso, os alunos poderão escolher uma forma de representar a atividade que escolherem durante um período determinado de tempo. Os alunos deverão planejar o cenário, materiais necessários e o figurino para a performance. O mesmo pode acontecer no caso de escolherem a linguagem da dança, podendo se apresentar para os colegas. Neste caso, as apresentações podem acontecer em formato de mostra de arte.

Luedji Luna

Vida e obra

Soteropolitana, original da cidade mais negra fora da África, nascida no dia 25 de maio de 1987, Luedji Luna é fruto de uma gravidez planejada por Adelaide Gomes Santa Rita e Orlando Santa Rita. A economista e o historiador, funcionários públicos, eram militantes do movimento negro de Salvador. A cantora e compositora “recebeu o nome de uma rainha africana que significa *amizade* ou *rio, lua*, na língua da etnia Tchokwe.” (SILVA, 2021, p. 90) Luedji estudou numa escola particular, o que proporcionou o contato com o racismo desde a infância. Como os pais, cursou a Faculdade de Direito na Universidade do Estado da Bahia, mas não estava conformada em exercer a profissão. Luna, que já escrevia sobre solidão, amadureceu esse contato com a arte refletindo sobre a negritude diaspórica, espiritualidade e ancestralidade. (SILVA, 2021)

Seu primeiro álbum, “Um corpo no mundo”, de 2017, é composto pelo atravessamento desta reflexão. Foi executado através de financiamento coletivo e de forma independente, mesmo assim, rendeu o prêmio Caymmi, como artista revelação na Bahia. A cantora se estabeleceu em São Paulo em 2015, quando chega na cidade, o faz no momento em que muitos imigrantes africanos também o fazem, sobre isso, a artista se questiona a qual das Áfricas pertence, trazendo à tona o incômodo afro diaspórico presente em boa parte da população brasileira negra que é o de não saber exatamente a sua origem. A artista coloca que a resposta para seus questionamentos está em “Um corpo no mundo”, seu primeiro álbum que possui uma música de mesmo título onde define que o lugar desse corpo é no mundo. (LUNA, 2018) Em seu trabalho, Luedji Luna canta os sentimentos que atravessam um corpo mergulhado por tantos demarcadores sociais.

Luedji fala de si. Falando de si, fala do coletivo de mulheres negras, nordestinas, bissexuais, vulneráveis a opressões; entretanto, carregadas de histórias e significados. Para a cantautora, cantar e escrever é o seu jeito de se comunicar com o mundo. Lugar de refúgio e expressão. (SILVA, 2021, p. 92)

Luedji explora a coletividade quando busca referências nas músicas que ouvia com seus pais, que gostavam de ritmos diversos, reuniam amigos para tocar músicas do cancionário popular no quintal de casa por muitos fins de semana, mas também explora a coletividade quando fala de aspectos da migração, quando se torna cofundadora do Palavra Preta (uma mostra para reunir poetas e compositoras negras brasileiras) e também quando busca referências nas músicas angolanas e de Cabo Verde para o seu primeiro álbum. Em

entrevista a Djamila Ribeiro, Luedji conta que desde a infância quis ser cantora, que foi a sua brincadeira favorita, mas que só assumiu aos 25 anos. Apesar de apreciadores da arte, seus pais não eram músicos de formação ou de carreira, sobre isso, na mesma entrevista, diz:

Não venho de uma família de músicos, e, terminado o colégio, ela nunca foi uma opção. Nós não temos uma educação direcionada para nossas potencialidades, e o sonho não é uma possibilidade, sobretudo quando se é negro e a garantia da sobrevivência é uma preocupação primária. (LUNA, 2017)

Em seu trabalho, outra característica que evidencia a relação com o coletivo, é a presença da religiosidade que, no caso das religiões de matriz africana, tem relação direta com a ancestralidade. Elementos desta ancestralidade estão presentes tanto nas letras, quanto no ritmo, figurino e cenário das apresentações. Sobre isso, Silva pontua:

Sua performance corpo/voz na cena e nos vídeos demonstra contrição, leveza e flexibilidade. Seus movimentos são sinuosos, muitos rodopios curtos e jogadas de pé para o alto em alusão à dança de Oxóssi. Percebe-se a inspiração na dança dos orixás; entretanto, sem vigor. Mas com leveza e propriedade. Com sua dança, Luedji constrói uma partitura corporal em clave, diluída, mas, presente. O uso do branco no seu figurino é bastante recorrente; apesar, de, por vezes, lançar mão de estampas e roupas folgadas, nunca desenhadas no seu corpo magro, esguio. Os cabelos, a cada performance, uma grata surpresa. (SILVA, 2021, p. 94)

É importante pontuar a aparência, onde a artista expõe seus cabelos crespos e signos da sua religião, pois a aceitação de características naturais e culturais relacionadas ao corpo preto no mundo são sinais externos de resistência e existência. Nas palavras de Silva, “o cabelo crespo serve de instrumento de reinvenção e transformação de uma cultura negra. (...) Afinal, para o negro o estético é indissociável do político.” (SILVA, 2021, p. 98) Ao descrever o processo de gravação de “Um corpo no mundo”, Luedji conta que o que norteou as produções foi a percussão e que, depois de definida, os outros instrumentos foram arranjados. (LUNA, 2018) A percussão expressa uma ligação direta com a ancestralidade africana e com a religiosidade afro-brasileira e tê-la como norteadora do processo de criação é uma questão importante no processo de autoconhecimento e expressão de identidade.

A cantora de Salvador, filha de ativistas, criada para ser um projeto político e que não dividia o racismo que sofria na escola com os pais para que estes não sofressem vendo o seu próprio sofrimento, conta que sua primeira música foi escrita aos 17 anos. Ela já usava a escrita como forma de extravasar suas dores, mas foi com esta idade que seus textos, antes livres de formato, tomaram corpo e se transformaram em música. (LUNA, 2019) A artista, que inicia seu trabalho falando de sua solidão e expande para a solidão coletiva, também fala

de afeto em outros aspectos. Sua música “Ameixa”, de 2021, fala da relação com seu filho, a música “Eu sou uma árvore bonita”, de 2017, fala de um relacionamento abusivo que viveu. Assim, com atravessamentos individuais e coletivos, Luedji Luna se comunica com seu público. “Eu sempre me senti esse corpo errante e eu acho que nós, negros da diáspora somos negros em diáspora. A gente tá aí na procura desse lugar e a música tem me dado esse lugar. Eu digo que hoje a música é meu lugar no mundo.” (LUNA, 2019)

Figura 04: Luedji Luna em ensaio fotográfico



Fonte: <https://www.acidadeon.com/araraquara/lazerecultura/divirtase/NOT.0.0.1739791.ingressos-para-show-de-luedji-luna-se-esgotam-em-araraquara.aspx>. Acesso em: 30 jun. 2022.

Objetivo Geral

Trazer à consciência o vazio coletivo causado pela diáspora negra.

Objetivos específicos

Compartilhar entre si experiências pessoais distintas;

Compreender a importância da história de cada pessoa e povo;

Compreender a relação do contexto de vida da artista com a sua obra.

Habilidades da BNCC usadas no plano

(EF69AR06) Desenvolver processos de criação em artes visuais, com base em temas ou interesses artísticos, de modo individual, coletivo e colaborativo, fazendo uso de materiais, instrumentos e recursos convencionais, alternativos e digitais. (BRASIL, 2018, p. 207)

(EF69AR07) Dialogar com princípios conceituais, proposições temáticas,

repertórios imagéticos e processos de criação nas suas produções visuais. (BRASIL, 2018, p. 207)

(EF69AR31) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética. (BRASIL, 2018, p. 211)

(EF69AR32) Analisar e explorar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas. (BRASIL, 2018, p. 211)

(EF69AR31) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética. (BRASIL, 2018, p. 211)

(EF69AR33) Analisar aspectos históricos, sociais e políticos da produção artística. (BRASIL, 2018, p. 211)

Recursos

Para as anotações durante o primeiro momento da pesquisa, é necessário papel e caneta ou lápis. Se os alunos preferirem, podem fazer anotações em dispositivos eletrônicos. Para o segundo momento, é importante acesso à Internet e equipamentos eletrônicos que façam esse acesso. Para a produção da obra final, os alunos precisarão de material relativo à linguagem que escolherem se expressar. No caso de ser pintura, tinta, pincel, acesso a água e papel ou tela. Caso seja desenho, papel e lápis conforme a necessidade. No caso de colagem, serão necessárias imagens impressas. Por fim, pensando na adaptação, serão necessários equipamentos eletrônicos com acesso à Internet.

Atividade

Pesquisa pelas origens: Os alunos deverão conversar com seus familiares próximos e distantes, de acordo com a possibilidade, fazendo este registro em anotações no caderno. Amigos dos familiares também não possibilidades de fontes. Na conversa, a intenção é resgatar parte da história de cada um, procurando anotar a sua origem até onde for possível. A partir desta pesquisa, os alunos deverão buscar referências dos locais onde seus antepassados e/ou parte da família residiu/reside e elencar elementos importantes da cultura e do lugar. Ao reunir o máximo de elementos possível, deverão selecionar os que mais lhes chama a atenção (seja por motivos agradáveis ou não) e criar uma pintura, colagem ou desenho com o tema. É importante que, durante todo o processo de pesquisa e produção, os alunos conversem sobre as informações que encontraram e sobre as dificuldades e facilidades em fazer a pesquisa.

Possíveis adaptações: Para alunos que não têm acesso à sua origem, como exemplo, crianças que foram adotadas e/ou familiares inacessíveis, eles poderão fazer a pesquisa até onde for possível, aprofundando o seu conhecimento sobre os lugares onde passaram. O produto final pode, também, ser digital, de acordo com as possibilidades de acesso a equipamentos eletrônicos no contexto domiciliar e escolar.

Rosana Paulino

Vida e obra

Paulista, nascida em 1967, a artista vive e trabalha na cidade de São Paulo, se formou bacharel em gravura pela USP (Universidade de São Paulo) em 1995; fez formação avançada em técnicas de gravura no London Print Studio, em 1998 e doutorado em Gravura pela USP em 2011. Em 2014 recebeu uma bolsa para residência no Bellagio Center, na Fundação Rockefeller, em Bellagio, Itália.

A artista visual, pesquisadora e educadora visita desde os anos 1990 questões negligenciadas até então no cenário artístico brasileiro, como gênero, identidade e a representação negra. Sua produção se destaca a partir da instalação da *Parede da Memória* (1994), uma composição de onze retratos do seu arquivo familiar agrupados em diferentes combinações, dando origem a 1500 imagens. As impressões são feitas em tecido de algodão, inseridas em almofadas e costuradas manualmente evocando *patuás*. Seus trabalhos utilizam técnicas e linguagens mistas e passeiam pelas diversas formas de expressão.

Paulino trabalha com as imagens de mulheres negras e mestiças, discutindo a construção das subjetividades atravessada pelas condições de trabalho, pelas relações de poder e pelo preconceito racial.

Assim, o universo negro e feminino aparece como temática central em suas obras, onde o lugar da mulher negra dentro da sociedade brasileira é colocado em pauta levantando questões sobre os estereótipos dos quais são submetidas, que vão desde as pressões para se adequarem aos padrões de beleza que pregam cabelo liso e a brancura, até a imagem sexualizada e erotizada da mulher negra, atributos historicamente impostos. (FERREIRA, 2018)

Figura 05: Rosana Paulino diante da instalação Parede da memória



Fonte: <https://naomekahlo.com/artista-educadora-e-pesquisadora-voce-precisa-conhecer-a-obra-de-rosana-paulino/>. Acesso em: 29 jun. 2022.

Objetivo geral

Compreender a relação entre a cultura local e as tradições familiares.

Objetivo específico

Conhecer e aplicar a técnica da gravura.

Habilidades da BNCC usadas no plano

(EF69AR06) Desenvolver processos de criação em artes visuais, com base em temas ou interesses artísticos, de modo individual, coletivo e colaborativo, fazendo uso de materiais, instrumentos e recursos convencionais, alternativos e digitais. (BRASIL, 2018, p. 207)

(EF69AR02) Pesquisar e analisar diferentes estilos visuais, contextualizando-os no tempo e no espaço. (BRASIL, 2018, p. 207)

(EF69AR05) Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.). (BRASIL, 2018, p. 207)

Recursos

Placas finas de isopor (recomenda-se as bandejas encontradas em supermercados embalando mercadorias), tinta para carimbo, rolos de espuma para espalhar a tinta, folhas de papel (preferencialmente a partir de 180g), prensa ou outro objeto que ajude a fazer a impressão (colher de pau é uma opção), panos, sabão neutro e água para limpeza, fotografias

selecionadas impressas, cola ou fita crepe e suporte para montagem do painel.

Possíveis adaptações: Em vez de gravura, é possível fazer carimbo, as fotografais podem ser substituídas por recortes de jornal de notícias locais, o painel pode ser montado num tecido grande e ornamentado com acabamentos de costura e/ou bordado (de acordo com a disponibilidade e relação com a comunidade escolar).

Atividade

Painel coletivo com montagem de isogravuras e fotografias: Assim como a artista utiliza objetos e imagens familiares e pessoais para fazer relação com a história e cultura brasileira, os alunos serão incentivados a observarem a si e a seus núcleos familiares como parte de um todo e, por consequência, influencia e é influenciada por esse meio. Para tanto, os alunos deverão ser orientados a pesquisar e observar nas suas famílias objetos e símbolos que sejam marcantes para seus membros, sejam eles de uso doméstico, religioso ou tenham outra função. Tais objetos e/ou símbolos deverão compor as gravuras a serem produzidas. Sugerimos gravuras em isopor e tinta para carimbo pois são materiais fáceis de serem encontrados e baratos. O professor também deverá providenciar impressões de fotografias e obras de arte relacionadas ao local onde a escola/projeto está inserido. Após as gravuras secarem, deverá ser montado um painel intercalando as imagens impressas e as gravuras produzidas pelos alunos. Após a produção, sugere-se a apreciação e reflexão a respeito da composição e as relações que podem ser feitas entre a cultura local e as tradições familiares.

CONCLUSÃO

Não pretendo esconder que me emocionei em diversos momentos ao falar sobre mulheres que influenciaram a minha vida. Quem deu a notícia da morte de Elza Soares para minha mãe fui eu, pois é uma das artistas que marcam e unem nós duas. Portanto o tema deste trabalho é, como é perceptível em diversos pontos, parte de uma busca pessoal por identidade e desejo de entender ou construir o meu lugar no mundo. Desta forma, como Luedji Luna constrói seu lugar através da música, eu construo o meu por meio da pesquisa, ensino e desenvolvimento deste material que pretende ser um apoio às aulas de Artes Visuais sob uma perspectiva insubmissa, feminista e decolonial. Pesquisar e me propor a falar de artistas potentes, algumas ainda vivas e em constante construção e mudança, já Elza, infelizmente, morta, mesmo assim, não posso pensar que tudo o que se pôde dizer sobre seu legado já tenha sido dito. Mulheres que falam através da sua trajetória de vida, das suas escolhas, contradições, arrependimentos, posicionamentos, orgulho, leitura de mundo, expressão... Enfim, mulheres que falam e falarão, perpassando as próximas gerações, através de todas as nuances de sua humanidade.

Ao longo do processo lapidei cuidadosamente cada detalhe para que fosse um produto educacional eficiente, responsável e, acima de tudo, inspirador. Produzir um caderno de proposições artísticas falando exclusivamente de artistas negras brasileiras foi enriquecedor e assustador, mas percebi que a cada artigo lido e a palavra escrita, me identificava cada vez mais com as artistas escolhidas. Esta é a familiaridade que pretendo suscitar nos nossos alunos ao trazer à tona os temas e pôr em prática as atividades propostas. “Ao longo dos séculos, as mulheres sempre foram silenciadas como protagonistas de suas próprias histórias.” (SILVA, 2021, p. 89) Ao trazer as falas das próprias artistas sobre si e sobre o seu trabalho, preenchi parte do vazio que a diáspora negra deixa nos nossos corpos femininos, pretos e livres. Assim, como fruto da fusão destes “vazios coletivos”, este trabalho não busca preencher, mas se interessa em acompanhar outros vazios que encontrar nas salas de aula.

Por hora, encerro este trabalho, mas não encerro esta pesquisa, por concluir que estudar estas mulheres e apresentá-las aos nossos alunos é um caminho a ser percorrido na busca de uma educação contextualizada e decolonial, propondo novas possibilidades de leitura de mundo e formação de uma sociedade menos desigual.

REFERÊNCIAS

BONJARDIM, Solimar Guindo Messias; VARGAS, Maria Augusta Mundim; ALMEIDA, M. G. **Patrimônio e educação: recortes para a educação cidadã. III Colóquio Internacional de Educação e Contemporaneidade (EDUCON)**–Itabaiana-2009. Disponível em: http://educonse.com.br/2010/eixo_07/e7-29.pdf. Acesso em: 17 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 20 de dez. 2021.

CASTRO, Panmela Silva et al. **A arte de Anarkia Boladona e outras questões sobre o graffiti**. 2013. Disponível em: <http://www.bdttd.uerj.br/handle/1/7477>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CASTRO, Panmela. **Panmela Castro – Série Cada Voz (2021)**. Youtube, 01 mar. 2021. <https://www.youtube.com/watch?v=y6-mQ5oJ25A>. Acesso em: 14 jan, 2022.

CASTRO, Panmela. **REP - Geração do Amanhã: Panmela Castro usa sua arte para empoderar mulheres**. Youtube, 27 set. 2017. <https://www.youtube.com/watch?v=evZFsyoIEEE>. Acesso em: 14 jan. 2022.

CASTRO, Panmela. **RETRATOS RELATOS DE PANMELA CASTRO**. Youtube, 03 dez. 2021. <https://www.youtube.com/watch?v=2kgGTJkiVUs>. Acesso em: 14 jan. 2022.

CASTRO, Panmela. **Street artactivism as a vehicle for change: Panmela Castro atTEDxBeloHorizonte**. Youtube, 2013. https://www.youtube.com/watch?v=QJw79_fwSHk. Acesso em: 14 jan. 2022.

CÉZAR, Rafael do Nascimento, FERREIRA, Carolina Branco de Castro, & QUEIROZ, Vitor ELZA SOARES: Dos alfinetes à carne negra. **Revista Educação E Ciências Sociais**, 3(5). 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cienciassociais/article/view/9545>. Acesso em: 29 jun. 2022.

DE MELO ROCHA, Rose; DAS NEVES, Thiago Tavares. **“Deixa Eu Bagunçar Você”:
Liniker e Atravessamentos do Trans.** 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
Joinville. 2018. Disponível em:
<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1648-1.pdf>. Acesso em: 29 jun.
2022.

FERREIRA, Aurora. **A imagem da arte nos temas transversais: projetos didáticos para o
ensino fundamental.** Rio de Janeiro: Letra Capital Editora, 2008.

FERREIRA, Débora Armelin. **As tramas de Rosana Paulino.** Afreaka, 2018. Disponível em:
<http://www.afreaka.com.br/notas/tramas-de-rosana-paulino/>. Acesso em: 21 jun. 2022.

FIGUEIREDO, Angela. **Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial.** Tempo e
Argumento, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, jan./abr. 2020. Disponível em:
<https://www.redalyc.org/journal/3381/338163000004/338163000004.pdf>. Acesso em: 24 jun.
2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro
de 2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

LINIKER. **Liniker e Lázaro Ramos | Espelho.** Rio de Janeiro: Canal Brasil, 28 de fevereiro
de 2018. 2018a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sUbSNBI8ruQ>. Acesso
em: 29 jun. 2022.

Panmela Castro. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo:
Itaú Cultural, 2022. Disponível em:
<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa558382/panmela-castro>. Acesso em: 16 jan. 2022.

RIBEIRO, Débora; GAIA, Ronan da Silva Parreira. **Uma perspectiva decolonial sobre
formação de professores e educação das relações étnico-raciais.** Linhas Críticas, [S. l.], v.
27, p. e35968, 2021. DOI: 10.26512/lc.v27.2021.35968. Disponível em:
<https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/35968>. Acesso em: 24 jun. 2022.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

Rosana Paulino. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa216153/rosana-paulino>. Acesso em: 19 abr. 2022.

SARMENTO, Gabriela. **ELZA SOARES: a mulher que cantou até o fim.** G1, 22 jan. 2022. Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/pop-arte/musica/2022/elza-soares-a-mulher-que-cantou-ate-o-fim/>. Acesso em: 29 jun. 2022.

SILVA, Marilda de Santana. ANCESTRALIDADE E FEMINISMO NEGRO NAS PERFORMANCES DE LUEDJI LUNA E LARISSA LUZ: PORTADORAS DE VOZES POLÍTICAS. **Revista Feminismos**, [S. l.], v. 9, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/43364>. Acesso em: 30 jun. 2022.

SOARES, Elza. **Conversa com Bial - Programa de segunda-feira, 05/06/2017, na íntegra.** Programa de TV Exibido em 05 jun. 2017. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5919510/?s=0s>. Acesso em: 29 jun. 2022.

SOARES, Elza. **Elza Soares – Meu Guri.** Youtube, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SjxqOX5K4R8>. Acesso em: 25 mai. 2022.

SOARES, Elza. **ELZA SOARES. FORTE, GUERREIRA, CORAJOSA, CANTORA EXTRAORDINÁRIA. TRISTE PERDA.** Youtube, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j9Bm2kh0Iw4>. Acesso em: 29 jun. 2022.